

FICOU mais nítido o retrato da educação brasileira: pesquisa realizada pelo Gallup, por encomenda do Ministério da Educação, verificou que, numa lista dos 10 mais sérios problemas do país, a população coloca o da educação em quinto lugar, logo abaixo de questões como a segurança e a inflação, e acima, por exemplo, do item Habitação. Isto é, a população brasileira começa a impacientar-se com a inépcia das nossas estruturas educacionais.

O Ministério também aproveitou o que chamou de Dia D da Educação para recolher novas sugestões que, filtradas, foram encaminhadas à Presidência da República junto com o levantamento realizado pelo Gallup.

O quadro obtido já permite bastante precisão de diagnóstico. Persiste o gargalo do ensino básico. De cada 100 crianças em idade escolar, 26 não chegam nem a iniciar o percurso por falta de escolas ou de vagas. As 74 que entram transformam-se em 12 no final do 1º grau. Só 8 entram de fato para o 2º grau, que apenas 4 chegam a completar. Isto é, de 100 crianças que se candiditam à escola, só essas quatro terminam o ciclo de instrução pré-universitária.

Os motivos para isso estão amplamente rastreados: núcleos populacionais sem uma só escola; a periferia desorganizada dos grandes centros, de onde as escolas são quase igualmente distantes; ao lado disso, a "hecatombe" da 1ª série escolar, com um índice médio de reprovação em torno de 50%. Isto é resultado da defasagem entre o mundo da criança e o mundo da escola; mas também do mau preparo dos professores: dos que ensinam no 1º grau, 11% sequer completaram este nível de estudos — percentagem que chega a 42% num Estado como o Ceará.

Para enfrentar esse quadro calamitoso, o Ministério da Educação munuiu-se, antes de tudo, de bom senso: como declarou à revista *Veja* o Secretário de 1º e 2º grau, Aloisio Sotero, "não vamos inventar nada: vamos multiplicar as experiências que se mostraram vitoriosas em cada Estado". Acoplada à sede de trabalho de que anda possuído o Ministério, esta é uma disposição preciosa: não faz muitos anos, quis-se "transformar" a educação do Estado do Rio aplicando indiscriminadamente a metodologia de Piaget — de que os professores sequer tinham ouvido falar previamente.

Entre as experiências bem-sucedidas estão os cursos de reciclagem de professores que tomam impulso em São Paulo, Bahia e Minas (e que o

Estado do Rio também começa a adotar), e que incluem a utilização da televisão. Num distrito como o de Ilhéus, Bahia, através desses cursos, conseguiu-se baixar o índice de repetência na 1ª série de 60% para 10%.

Este é um dos caminhos para retirar o ensino brasileiro do abismo em que ele mergulhou nos anos 60 — anos de "massificação" em todos os sentidos. Destruiu-se, naquela época, a escola tradicional sem que nada fosse colocado em seu lugar. As escolas oficiais viram-se a braços com alunos demais, turmas numerosas demais; os salários dos professores encolheram paulatinamente, e o terremoto chegou aos currículos, com a transformação das disciplinas em "atividades".

Não se ensinava mais Língua Portuguesa, e sim Comunicação e Expressão, complexo de "atividades" de que faziam parte a educação física e a educação artística. Os professores "polivalentes" passavam a ser ignorantes em várias matérias. No segundo grau, os cursos de "habilitação profissional" roubavam tempo ao estudo sem "habilitarem" para o que quer que fosse.

Não foi só um problema do Brasil: em todo o mundo, houve delírios parecidos. Nos Estados Unidos, isto gerou, agora, o movimento conhecido como *Back to Basics*. Na França, o Ministro Chevènement tem dito alto e bom som que a primeira missão da escola é ensinar a ler, escrever e fazer contas.

Na escola brasileira, essa finalidade específica foi sendo sugada por outras preocupações: os estudantes recebiam instrução em problemas de trânsito, ecologia, tóxicos etc. Ainda recentemente, sugeriu-se ao Ministério da Educação a inclusão nos currículos de disciplinas como História da África, Estudos da Flora, Preparação para a Morte etc.

O descalabro e a ineficiência resultantes produziram, afinal, um estado de verdadeira insatisfação com a escola brasileira — onde o aluno "trabalha" pouquíssimo tempo, em comparação com o que acontece em escolas americanas ou japonesas.

O Ministério da Educação deu-se conta desta insatisfação; e tem um Ministro que trabalha e cobra trabalho. Poucos projetos (se é que há algum) serão mais importantes no Brasil de hoje que este de recolocar de pé uma estrutura que em alguns casos jamais existiu, e que pode retardar todo o processo de crescimento material e espiritual do país.